

A MÚSICA COMO UM INSTRUMENTO LÚDICO DE TRANSFORMAÇÃOⁱ

Aparecida Barbosa

ORIENTAÇÃO: Prof^a Ms. Eliane Aparecida Bacocina

RESUMO:

A forma como se tem possibilitado o desenvolvimento social, físico, afetivo e cognitivo, vem sendo discutido por muitos pesquisadores no intuito de redimensionar práticas inovadoras que ressaltem o processo de formação da criança, a qual torne o saber mais significativo. Conclui-se que ela é uma verdadeira linguagem de expressão e uma das mais importantes formas de expressão humana, a qual contribui para a formação global da criança. Justifica-se por si só, a sua presença na educação como um todo, abrangendo as diferentes áreas e disciplinas educacionais.

Palavras chaves: Música, lúdico, inovação, contexto educacional.

ABSTRACT:

The way it has allowed the social, physical, cognitive and affective, has been discussed by many researchers in order to resize innovative practices that underscore the formation process of the child, which makes the learning more meaningful. We conclude that it is a true expression language and one of the most important forms of human expression, which contributes to the formation of the child. Justified itself, its presence in education as a whole, covering different educational fields and disciplines.

Keywords: Music, playfulness, innovation, educational context.

Impressionada ao presenciar crianças sendo vítimas do “autoritarismo” em sala de aula, na qual as atividades são desenvolvidas de forma tradicional, onde a criança não desperta nenhum interesse em relação ao processo de ensino aprendizagem, e nem tem conhecimento da importância em aprender, percebi a necessidade de práticas inovadoras, diferenciadas e lúdicas que venham a atender as especificidades de cada criança.

Mediante algumas aulas pouco construtivas que presenciei, fui percebendo a necessidade de metodologias que, antes de tudo, levem em conta a criança e sua totalidade.

E a minha experiência vivida com a música me motiva a buscar novas metodologias a serem desenvolvidas, que despertarão o interesse de nossos futuros cidadãos.

Pois o método tradicional de ensino é um perfil mecânico, que forma cidadãos passivos, e este perfil não cabe mais à sociedade atual, pois estamos na era da tecnologia, que exige conhecimentos que vão além do mecânico e do mero reprodutor, e sim que levem à reflexão, ou seja, que levem à formação de seres pensantes, ativos e reflexivos.

1- A Importância de práticas transformadora para o processo de ensino aprendizagem

Antigamente, a criança era vista como um adulto em miniatura, pois a idade não a diferenciava do adulto. A mesma partilhava do trabalho dos adultos, sendo considerado um “adultocentro”, ou seja, não se tinha conhecimento de suas necessidades e especificidades.

A preocupação com o estudo da criança é bastante recente na história da humanidade. Aliás, a própria ideia de criança, tal como a concebemos hoje (como um ser que tem necessidades, interesses, motivos e modo de pensar específicos), não existia antes do século XVII (FONTANA; CRUZ, 1997 p. 6).

E a partir do século XVII, passou-se admitir a ideia de que a criança era diferente do adulto não apenas fisicamente” e com isso começou a surgir no começo do século XX concepções mediante um estudo científico do comportamento infantil a qual descrevessem as necessidades das crianças.

Essas concepções educacionais descrevem a importância da infância, sendo a infância uma fase de extrema importância onde ocorre à formação de personalidade e caráter, e mediante isto, podemos perceber a grande responsabilidade do professor nesse processo, a qual poderá contribuir ou não para a formação dos futuros cidadãos.

A LDB, Lei de Diretrizes e Bases – Lei de Darcy Ribeiro relata que a educação é dever da família e do estado, a qual visa o “desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício de cidadania e sua qualificação para o trabalho”. Então podemos perceber o grau de importância para as séries iniciais mediante o processo de formação de cidadão.

Como formar um cidadão capaz de intervir em sua realidade social mediante uma educação tradicionalista a qual segundo Fontana “a Pedagogia tradicional considera que os conceitos científicos não têm nenhuma história interna, sendo esses transmitidos prontos à criança e memorizados tal qual por elas,” visto que para desenvolver as capacidades no aluno proposto pela LDB é necessário um ensino que leve o aluno a ser o sujeito de sua ação, um aluno ativo e questionador.

O resgate da reflexão do educador sobre sua prática pedagógica é o embrião de sua teoria que desemboca na necessidade de confronto e aprofundamento com outros

teóricos. E, é nessa tarefa de reflexão que o educador formaliza, da forma, comunica o que praticou, para assim pensar, refletir, rever o que sabe e o que ainda não conhece; o que necessita aprender, aprofundar em seu estudo teórico (FREIRE 2008. P. 57).

Cabe a nós refletirmos sobre nossa prática pedagógica, pois uma grande parte das concepções de ensino utilizadas nas escolas provém do método tradicional, que forma seres passivos, que recebem tudo sem questionar e não levando em conta a expressão da criança e suas elaborações, pois os conceitos passados nesse método são transmitidos às crianças com definições prontas para transmitir o significado a elas e mediante uma série de exercícios de repetições, levando-as a decorarem e não a entenderem.

Na prática pedagógica construtivista, o professor leva em consideração a construção do conhecimento pelo aluno, despertando seu interesse em relação ao processo de ensino aprendizagem partindo do conhecimento que os educando já possuem para ampliá-los.

Segundo Rangel (2002) a prática construtiva é fundamentada em conceitos relevantes e pertinentes para o contexto social. A teoria não é algo distinto da realidade educacional, a qual muitos professores têm colocado, torna-se distinta no momento em que o professor conhece a teoria e não utiliza em sua prática pedagógica, ou pensam que as novas concepções visam que o aluno, sozinho, deve construir seus conhecimentos. Na concepção construtivista o aluno “reconstrói” o conhecimento como afirma Pedro Demo em uma entrevista ao site educacional.

Eu guardo um profundo respeito pela proposta piagetiana chamada construtivismo. Mas eu prefiro o termo reconstrutivismo, porque é culturalmente mais plantado. Normalmente, a gente não produz conhecimento totalmente novo, no sentido de uma construção nova. Nós partimos do que já está construído, do que já está disponível, do conhecimento que está aí diante de nós e o refazemos, reelaboramos. Eu penso que o termo reconstrução é muito mais realista, só isso (DEMO, 2012).

Nesse processo de reconstrução de conhecimento, o professor tem fundamental importância, pois o mesmo deverá desempenhar o papel de mediador do conhecimento, levando o aluno a reconstruir e reformular os conceitos, ou seja, ele não pensará pelos alunos, mas deverá orientá-los quanto à diversidade de caminhos que poderá seguir, oferecendo assim recursos e desenvolvendo propostas pedagógicas que irão favorecer na reconstrução e apropriação do conhecimento.

Essas concepções novas e norteadoras do construtivismo estão propostas no PCN-Parâmetros Curriculares Nacionais - que são diretrizes para uma educação de qualidade fundamentada nos principais pesquisadores da educação e na LDB.

O PCN visa uma educação voltada para as necessidades de aprendizagem da criança e que acompanhe seu processo de desenvolvimento e maturação. E perante seus princípios inovadores propõe que esta educação venha partir do conhecimento que o aluno possui para ampliá-los, partindo do seu contexto social, formando cidadãos aptos a viverem em sociedade, sendo estes seres críticos e reflexivos.

No processo de ensino aprendizagem, será de fundamental importância o conhecimento do professor mediante as concepções inovadoras de ensino que descrevem como a criança aprende, pois a criança nas series iniciais é uma criança curiosa e questionadora, e muitas vezes o professor ao invés de instigar essa qualidade da criança, mediante sua falta de conhecimento ou comprometimento os mesmos acabam tirando isso da criança mediante seus dogmas e imposições que visam que os alunos sejam seres passivos e, esse processo de ensino trata-se da educação tradicional que ocorre mediante a deposição de conteúdos para que os alunos memorizem, ou seja, uma educação bancária.

A educação “bancária”, em cuja prática se dá a inconciliação educador- educando rechaça o companheirismo. Na educação bancária o educador é sempre o que sabe, enquanto os educando serão os que não sabem. A rigidez destas posições nega a educação e o conhecimento como processo de busca. E é lógico que seja assim. No momento em que o educador “bancário” vivesse a superação da contradição já não seria mais “bancário” (p.68).

Freire em seu livro “Pedagogia do Oprimido” deixa claro o seu repúdio à educação tradicional, pois a mesma domestica os alunos, tornando seres para o outro e não para si. Denominou-se então a educação tradicional como uma educação bancária, que tem por visão que o aluno é uma “tábua rasa”, um ser sem conhecimentos anteriores, a qual se devem depositar conteúdos. Nesta concepção, não cabe o diálogo sendo um elemento fundamental para uma educação transformadora, um exercício de consciência, compreensão e transformação de sua realidade.

Para Freire a educação é um ato político e pedagógico, não é algo neutro. E a prática educativa como prática política não se restringe à mera reprodução de conteúdos, mas esses conteúdos devem ser algo significativo aos alunos, fazendo parte de sua realidade, para que os mesmos venham a identificar os problemas, sociais, culturais, regionais e até mesmo educacionais e mediante estes, eles venham refletir e agir sobre esta realidade, tornando-se cidadãos históricos culturais.

Muito se confunde ao falarmos em formar um aluno ativo, porém, formar um aluno ativo dependerá das ações do professor, do critério de ensino utilizado e a forma como

este é desenvolvido. O professor que utiliza meios que levem o aluno à reflexão, este será um facilitador na formação de um aluno ativo, tornando o educando capaz de usar a atividade mental, cognitiva.

Nesse processo, é de fundamental importância que o professor leve o aluno a identificar suas falhas, com o propósito de que o aluno compreenda e reconstrua seus próprios conhecimentos, e em meio esse desajuste ocorrerá o desequilíbrio e a reequilibração, ou seja, a atividade cognitiva, a qual levará o aluno à apropriação do conceito.

Todavia, segundo Rangel, a teoria de Piaget não nega a importância da memorização dos conteúdos aprendidos, embora se refira à importância da aprendizagem significativa para que haja memorização.

Pois existem conteúdos que exigem a memorização, como algumas regras gramaticais, por exemplo, e essa memorização pode acontecer mais facilmente em decorrência de uma atividade mais interessante. O aprendizado deve ser significativo e fazer sentido para o aluno, para que este venha a fixar, não esquecendo em decorrência dos anos, tornando a prática consistente e voltada para a autoconstrução integral do educando como ser humano.

Porém, não existe um método pronto, pois o processo de ensino aprendizagem não é algo fácil e dependerá muito do comprometimento, conhecimento e responsabilidade do professor, mediante as novas concepções de ensino, que tem por objetivo nortear os professores para uma educação de qualidade que venha atender as especificidades de cada criança.

Com conhecimento, responsabilidade e comprometimento do professor, o mesmo estará apto a estimular o seu aluno a desenvolver a autonomia intelectual e a formação de ideias críticas.

2. A MÚSICA COMO INSTRUMENTO LÚDICO DE TRANSFORMAÇÃO

A música já vem sendo trabalhada há séculos, desde a Grécia Antiga. Para os gregos, a música tinha um grande significado, a qual era sinônimo de cultura intelectual que engloba a literatura e a arte.

Para os Gregos, a música tinha o objetivo de propiciar uma cultura de espírito no ser humano através do ritmo e da harmonia, transcendendo o domínio musical, propiciando equilíbrio numa relação cósmica, enquanto a ginástica, já estava ligada à cultura do corpo, sendo os dois principais objetivos da educação naquela época, e também os principais

atributos dos deuses gregos, a qual era tida com o propósito de temperar a alma. Como descreve FONTERRADA:

Essa visão é colaborada por Platão que, em muitos de seus textos desenvolve uma ampla discussão estética e ética a respeito da música. Para Platão e todos os gregos, a literatura, a música e a arte tem grande influencia no caráter, e seu objetivo é imprimir ritmo e harmonia e temperança a alma. Por isso deve-se preservá-la como tarefa do estado. (p. 19, 2005)

Platão identificou que a música afeta positivamente o caráter emocional dos indivíduos, tendo o poder de produzir estados emotivos nos ouvintes, já para Aristóteles, a música tem o poder de modificar o estado de espírito do individuo e da alma. Porém, foi Platão quem pensou a música com objetivo pedagógico, a qual traria equilíbrio e perfeição aos indivíduos.

A música é a mais imediata expressão de Eros, uma ponte entre a ideia e fenômeno. Nessa concepção, o principal papel da música é pedagógico, pois sendo responsável pela ética e pela estética, esta implicada na construção da moral e do caráter da nação, o que transforma em evento publico e não privado. Cada melodia, cada ritmo e cada instrumento tem um efeito peculiar na natureza moral da res publica. Segundo a concepção helênica, a boa música promove o bem estar e determina as normas de conduta moral, enquanto a música de baixa qualidade destrói. Desse modo, na Grécia, a boa música é estreitamente relacionada e determinada pelas normas de conduta moral, o que se mostra o uso da mesma palavra – nomos – para designar a correta harmonia e lógicas musicais e as leis morais, sociais e políticas do estado (p. 19).

Para os gregos a música tinha o mesmo valor na educação quanto à disciplina de filosofia e matemática. A princípio, para a civilização grega, a educação de música era atrelada à ginástica. Com o passar do tempo, o estudo da música passou a incluir a poesia e letras (gramática), e era só no ensino superior que era incluída a Filosofia como disciplina, objetivando a preparação dos educando para a vida em sociedade e ao exercício da cidadania.

Na história da música ouve oscilações, pois Aristóteles apesar de reconhecer que a música pode modificar o estado de espírito do indivíduo e da alma, ele afirma que a mesma não serve para se utilizar na educação moral.

Diferentes concepções convivem e se entrelaçam e pode se dizer que, na época, a música é considerada uma disciplina científica, mas de acordo com o santo Agostinho, “não serve a propósitos educacionais e morais, como queria o pensamento platônico e de outros filósofos gregos” (Lang, 1941, p. 50). Para ele, a importância das artes liberais poderia ser avaliada de outro modo: as várias disciplinas não seriam a única via para Deus, mas um meio de prevenção contra as tentações oferecidas pelo mundo herético (FONTERRADA, 2005, p. 24).

Apesar de a cultura da Grécia Antiga ter dado origem à presente civilização ocidental, não foi mantida uma continuidade direta da música, porém, influenciou

significativamente a cultura romana e conseqüentemente ampliando a Idade Média mediante suas noções de harmonia, escalas e modo.

Já na Idade Moderna, Jean Jacques Rousseau (1712 – 1778), exerceu uma forte influência sobre o pensamento musical de sua época. Rousseau foi um dos principais percussor da Pedagogia Moderna, e era considerado como o pai da Pedagogia Moderna, por ter identificado que a criança é um ser que tem suas necessidades e é necessário educá-la de acordo com sua natureza.

A pedagogia musical rousseauniana foi um marco histórico educacional, por sua pedagogia tomar como base a experiência lúdica, e essas perspectivas educacionais propiciaram com o rompimento da pedagogia musical escolástica e o conceito de infância, a qual tinha como ideia a criança como um adulto em miniatura.

Para Rousseau, a produtividade dos processos pedagógicos musicais só é alcançada por meio de investigações específicas para identificam o modo de aprendizado dos sentidos e os conhecimentos prévios já adquiridos de cada criança, esse processo já foi defendido por vários estudiosos como fundamental no ato pedagógico partir do conhecimento e experiência de cada criança para depois ampliá-los, tornando esse aprendizado significativo, pois a criança não é uma tábua rasa e vazia na qual devem ser depositados conteúdos, mas ela é um ser em construção com conhecimentos e necessidade específica de aprendizagem.

Rousseau foi um dos precursores da pedagogia musical ativa, a qual tem por característica o respeito pela criança em seu crescimento e desenvolvimento físico, psíquico e intelectual, onde cada indivíduo é único e o processo de ensino aprendizagem deve pensar na formação do ser e não no acúmulo de conhecimentos.

Para Rousseau, o ser humano nasce bom, e ao entrar na sociedade o mesmo vai sendo corrompido por ela, e para que isso não ocorra na pedagogia musical, é importante o seu gosto e usar estratégias a partir de seus interesses para despertar o gosto pela música. O melhor caminho no início da pedagogia musical, segundo Rousseau, é ouvir e vivenciar a música através da sensação, trabalhando o pulso, o movimento sonoro e até o corpo em si para depois fazer a leitura da música.

Segundo Fonteferrada, além de Rousseau, Pestalozzi, Herbart e Froebel fazem parte desse grupo- principais percussores dos métodos ativo da pedagogia musical.

Pestalozzi (1746 – 1827) era educador suíço primeiro reconhecido como educador infantil a qual sua proposta educacional visava à formação do caráter, e para ele, a música

favorecia na educação moral, contribuindo positivamente no caráter do cidadão, seus princípios da educação musical segundo Fonteferrada (2005 p. 52) era:

- Ensinar sons antes de ensinar signos e fazer a criança a aprender a cantar antes de aprender a escrever as notas ou pronunciar nomes.
- Levá-la a observar auditivamente e a imitar sons, suas semelhanças e diferenças, seu efeito agradável e desagradável, em vez de explicar coisas ao aluno – em suma, tornar o aprendizado ativo, e não passivo.
- Ensinar uma coisa de cada vez: ritmo, melodia e expressão antes da criança executar a difícil tarefa de praticar elas de uma vez.
- Fazê-la trabalhar cada passo dessa divisão até que domine antes de passar para o próximo.
- Ensinar os princípios e as teorias após a prática.
- Analisar e praticar os elementos do som articulado para aplicá-los na música.
- Fazer que os nomes das notas correspondam aos da música instrumental.

Herbart (1776 – 1841) opõe-se as ideias de Pestalozzi e Rousseau. Para ele, a educação deveria ser um processo conservador, ele foi o primeiro desenvolvedor do sistema de teoria da educação musical, a qual tinha por finalidade a formação do caráter moral do indivíduo.

Froebel, educador alemão que viveu entre 1782 a 1852 e foi considerado o educador mais completo do séc. XIX. Em 1826, ele desenvolveu o primeiro jardim de infância. A essência de sua pedagogia era voltada à ideia de atividade e liberdade, e seus pensamentos propiciaram a reformulação da educação.

Para Froebel, o ensino de canto deveria iniciar com canções divertidas, animadas e simples, utilizando essas músicas com frequência, pois a criança pequena no início de sua aprendizagem musical não desenvolveria várias coisas ao mesmo tempo. Froebel defende a inclusão de artes na escola como o ensino de canto musical, “com a intenção de assegurar a cada criança um amplo e completo desenvolvimento de sua natureza na apreciação de obra artística” (Fonteferrada 2005 p.53 *apud* Scholes).

Rousseau, Pestalozzi, Herbart e Froebel pensaram a música como parte integrante no processo educacional, sendo que Rousseau, Pestalozzi e Froebel pensaram o ensino de música atrelado às necessidades e especificidades das crianças, enquanto Herbart pensou o ensino de música como um processo conservador, porém, todos perceberam o quanto a música é importante para o desenvolvimento da criança.

A música era uma das disciplinas escolares, mas aos poucos, foi perdendo o seu espaço na escola. Hoje, após 40 anos sem música como uma das disciplinas escolares, podemos dizer que fomos beneficiados com a lei 11.769/2008, que trata da obrigatoriedade da

música na educação. Apesar de este relato ser oportuno já que há diversos estudos que comprovam os benefícios da música neste processo.

A lei 11.769 foi publicada no Diário Oficial da União, em 19 de agosto de 2008 alterou a LDB – Lei de Diretrizes e Bases nº 9394 de 20 de dezembro de 1996, tornando obrigatório o ensino de música no Ensino Fundamental e Médio, e foi estipulado o prazo de três anos as escolas públicas e particulares, para a inserirem a música como mais uma disciplina da grade curricular, tornando-a obrigatória a partir do ano de 2012.

Com isso, trabalhar com a música tornou-se um desafio para muitas instituições de ensino, por falta de preparo e de profissionais qualificados, formados nessa área.

A lei 11.769, não descreve sobre a inserção da música nas séries iniciais, porém, o RCNEI – Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil descreve que “Integrar a música à educação infantil, implica que o professor deva assumir uma postura de disponibilidade em relação a essa linguagem (BRASIL, 1998, p. 51)”.

O RCNEI propõe a utilização da música na Educação Infantil desde os pequenos (berçário), a qual proporciona um vínculo afetivo que é fundamental para despertar na criança a confiança, sendo um fator importantíssimo e “facilitador” no processo de ensino aprendizagem. Mediante essa proposta, o professor poderá ir ampliando o seu trabalho com a música, pois a mesma contribui para a socialização, noção de espaço, sendo inúmeros os benefícios que ela proporciona às crianças.

No Ensino Fundamental I, ficará a cargo do Pedagogo a trabalhar com esta disciplina, o que será benéfico ao professor e para o aluno, sendo mais uma forma lúdica de ensinar, a qual promove momentos de prazer e diversão. Dessa forma, o professor será capaz de levar as crianças a atingir o aprendizado com excelência.

A música vem sendo discutida por vários estudiosos que identificaram em suas pesquisas o poder de transformação que proporciona na vida das pessoas, contribuindo principalmente no processo de assimilação do conhecimento, ampliando o desenvolvimento cognitivo da criança.

Hans Gunther Bastian realizou, na Alemanha vários estudos e pesquisas para identificar os benefícios que a música proporciona nos indivíduos e, procurou identificar que atividade representa na vida das pessoas.

E, mediante esta pesquisa, realizada em crianças em idades escolares, em um período aproximado de dois anos de inserção da música na educação escolar, percebeu-se o poder transformador que ela exerce no processo pedagógico, a qual ocasionou um aumento

significante do QI – quociente de inteligência – nas crianças. Além de reduzir as manifestações de violência na criança que, segundo Bastian “um dos fatores que propiciavam estas violências de forma geral, era alguns programas de televisão, como filmes, desenhos e novelas”, além de muitas crianças que viviam em ambientes desfavoráveis, presenciando diversos tipos de violências e isso reflete na vida escolar, tornando complexo o cotidiano escolar.

Quando pensamos na complexidade de tudo o que ocorre na escola, percebemos a multiplicidade de relações em que este envolvido o ensinar e o aprender. Relações econômicas, materiais, relações sociais e institucionais, relações entre conteúdos e métodos de ensino, crenças, concepções, teorias. O cotidiano da escola é sempre permeado por tudo isso e, dessa forma, não é tarefa simples procurar aprendê-lo, analisa-lo e compreende-lo (FONTANA; CRUZ, 1997, p. 4).

São inúmeros fatores que ocorrem nas relações sociais das crianças, que dificultam o processo de assimilação do conhecimento.

Segundo um estudo realizado pela revista “Nature Neuroscience” realizado no Canadá pelo instituto Neurológico de Montreal e do Hospital Neuro na Universidade McGill e publicado no site “g1.com.br”, o efeito da música que leva o ser humano a se apaixonar é causado pela mesma razão que esses são atraídos para o sexo, jogo ou comida saborosa.

Este estudo foi realizado em pessoas consideradas amantes da música, com as mesmas músicas relatadas por elas que causavam sensações de prazer, como: arrepio, calar frio e tremor. O método de investigação foi realizado da seguinte forma: foi deixado que os participantes ouvissem as músicas selecionadas por eles durante 15 minutos. Após ouvirem as músicas foi injetada nos participantes uma substância radioativa que liga aos receptores da dopamina e com um aparelho específico conseguiram ver a reação que a música proporcionou aos participantes.

Com este aparelho, os estudiosos conseguiram ver uma enorme quantidade de dopamina sendo liberada, e se essas ocupavam todos os receptores cerebrais disponíveis, e mediante este estudo conseguiram ver definitivamente e pela primeira vez que o indivíduo, ao ouvir uma música que o emociona, o cérebro é capaz de liberar grandes quantidades de dopamina, que é um importante neurotransmissor presente no cérebro que atua promovendo, entre outros efeitos, as sensações de prazer e motivação.

Após esta comprovação, essas pessoas também foram submetidas a outro teste através da Ressonância Magnética Funcional, e esse teste foi feito com a execução das músicas selecionadas, e mediante esta técnica foi comprovado que a liberação da dopamina

presente no cérebro não só ocorre ao ouvir a música, mas no momento de antecipação musical, e esse efeito é ampliado ainda mais quando a música esta em sua parte mais intensa.

Esse estudo demonstra que a música proporciona um “prazer abstrato”, e este é comparado com a mesma sensação de um ato sexual, de uma alimentação saborosa e até mesmo a sensação causada no ato da utilização de drogas, porém, esta sensação é saudável, não trazendo sequelas, mas consequências positivas.

A música, por seu poder transformador, poderá contribuir para o desenvolvimento da inteligência da criança, e por ela ter o “poder” de invadir e contagiar a criança e por ser uma atividade lúdica a qual proporciona na criança um aprendizado de forma prazerosa, contribuindo na formação de um ser crítico e criativo.

Criar “é um processo existencial. Não lida apenas com pensamentos, nem somente com emoções, mas se origina nas profundezas do nosso ser, onde a emoção permeia os pensamentos ao mesmo tempo em que a inteligência estrutura, organiza as emoções. A ação criadora da forma torna inteligível, compreensível o mundo das emoções”. (FREIRE 2008. p.63 *apud* OSTROWER).

A criança que tem a oportunidade de vivenciar diversas experiências musicais amplia sua forma de expressão e de entendimento do mundo e, essa experiência musical possibilita o desenvolvimento do pensamento criativo. Segundo Weigel criar é:

Um ato de originar alguma coisa. Ser criativo é viver adaptando formas de expressão as necessidades da vida. O processo criativo está em desenvolvimento quando somos capazes de criar ou recriar determinada situação com a qual nos deparamos. Para estimular a criatividade, é necessário que o professor seja criativo para estimular a criança, podendo auxiliar na reelaboração do pensamento para ideias produtivas. A música por si só contribui para o desenvolvimento criativo (WEIGEL, 1988, p.188).

O estudo sobre a criatividade é recente, pois antigamente os estudiosos acreditavam que para ser criativo era necessário ser inteligente, e foi a partir da década de 50 que começaram os estudos sobre a criatividade, a qual foi comprovada que para estimular a criatividade é necessário ser criativo, ou seja, a criança para desenvolver sua criatividade é necessário que ela faça parte de ambientes que a estimulem a desenvolver a criatividade, onde esta se faça presente neste ambiente.

O educador deve ser possuidor da criatividade, e utilizá-la no ambiente educacional, antes de querer cobrar que seus alunos sejam criativos, pois o educador criativo irá auxiliar a criança na reelaboração do pensamento para novas ideias.

Hoje em dia é muito comum em escolas municipais, nas avaliações do desenho, a cobrança sobre o poder de criatividade da criança. Mas, como a criança conseguirá desenvolver sua criatividade se o professor não é possuidor dessa qualidade, se suas aulas são meramente reproduções repetitivas de conteúdos? Se a criança não tiver outros estímulos e depender só da escola para desenvolver a criatividade, isso só será possível se o professor for comprometido com sua prática pedagógica, a qual entende como a criança aprende respeitando e trabalhando mediante cada especificidade.

A música seria uma das possíveis formas de o professor desenvolver a criatividade na criança, pois ela favorece no desenvolvimento físico, social e cognitivo da criança, propiciando uma maior sensibilidade, reflexão e criatividade. A inserção da música no desenvolvimento da criança contribui para sua formação de caráter, tornando os discentes capazes de observar e escutar o mundo à sua volta, sendo este também um ato de generosidade, no qual os mesmos aprenderá ouvir o outro, pois:

O ver e o escutar fazem parte do processo de construção desse olhar. Também não fomos educados para a escuta. Em geral não ouvimos o que o outro fala, mas sim o que gostaríamos de ouvir. Neste sentido, imaginamos o que o outro estaria falando... Não partimos da sua fala, mas de nossa fala interna. Reproduzimos, desse modo, o monólogo que nos ensinaram (FREIRE, 2008, p.45).

A música é uma das atividades que favorece esse trabalho de escuta, levando a criança a ouvir e analisar um enunciado. Segundo Freire “o ver e ouvir demanda implicação, entrega ao outro”, e o professor poderá propiciar que esta situação ocorra através da construção de grupos na sala de aula.

Um grupo se constrói no espaço heterogêneo das diferenças entre cada participante: da timidez de um, do afobamento do outro; da serenidade de um, da explosão do outro; do pânico velado de um, da sensatez do outro; da seriedade desconfiada de um, da ousadia do risco do outro; da mudez de um, da tagarelice de outro; do riso fechado de um, da gargalhada debochada do outro; dos olhos miúdos de um, dos olhos esbugalhados do outro; de lividez do rosto de um, do encarnado do rosto de outro (FREIRE, 2008 p. 104).

Segundo Freire “um grupo se constrói enfrentando o medo que o diferente, o novo, provoca, educando o risco de ousar e o medo de causar rupturas”, e isso ocorrem quando o docente propicia atividades musicais que leve a criança conviver com personalidades, pensamentos e preferências opostas a sua, com isso o discente vai perdendo seu lado egocêntrico e aprendendo a conviver em grupo. E segundo Freire o papel do educador é...

...instigar o exercício do conflito na construção das diferenças (para construir a individualidade, a identidade) e, ao mesmo tempo, possibilitar o “desgrude” de seu modelo, até que sua mediação como mito não seja mais necessária... Pois, o mito no grupo muitas vezes cumpre o papel de mediador para a estrutura do conhecimento e a conquista da autonomia (FREIRE 2008, p.110).

E isso só será possível se houver uma relação saudável entre professor/aluno, aluno/aluno e aluno/professor, num ambiente onde todos vivenciam uma relação de amizade, respeito, admiração e afetividade. Ao englobar todos esses aspectos em sala de aula, será por meio da admiração pelo professor e seus colegas que os alunos tentarão imitar as atitudes e desenvolvimentos dos mesmos nas diferentes disciplinas tornando- se cada vez mais autônomos. Segundo Freire:

Não existe processo de autonomia que parta da imitação heterogênea. Educando imita educador porque se identifica com este. Educador se empresta como modelo porque se identifica com o educando que um dia ele também foi, e com as hipóteses que este formula (2008, p. 73).

Para aprender, é necessário o desejo da criança, pois o aprender segundo Freire “envolve introjeção de modelos, e isso será possível mediante uma atividade lúdica que desperte o interesse da criança ao aprendizado e a interação e admiração nessa relação de construção de conhecimento”. E é por meio do lúdico que a realidade e o faz de conta se confundem, fazendo com que a criança, aos poucos, vá construindo sua concepção de mundo e sua própria identidade.

Ao trabalhar com atividades lúdicas, o processo de ensino aprendizagem é positivo, pois é na interação que as crianças aprenderão a conviver com as diferenças respeitando-as. As atividades lúdicas tornam o aprendizado prazeroso e estimulante, oportunizando o desenvolvimento da criança de forma produtiva, mediante as relações professor - aluno e aluno – aluno.

Desde o nascimento a criança está em constante interação com os adultos, que compartilham com ela seu modo de viver, de fazer as coisas, de dizer de pensar integrando-a aos significados que foram sendo produzidos e acumulados historicamente. As atividades que ela realiza, interpretadas pelos adultos, adquirem significado no sistema de comportamento social do grupo a que pertence (FONTANA; CRUZ, 1997, p. 57).

Pois é na interação que eles aprenderão a conviver, respeitando as diferenças e favorecendo o seu desenvolvimento como descreve Fontana e Cruz sobre o pensamento de Vygotsky:

O desenvolvimento é compreendido por Vygotsky como um processo de internalização de modos culturais de pensar e agir. Esse processo de internalização inicia-se nas relações sociais, nas quais os adultos ou as crianças mais velhas, por meio da linguagem, do jogo, do “fazer junto”, compartilham com a criança seu sistema de pensamento e ação (FONTANA; CRUZ, 1997, p. 63).

Mediante esta concepção, a criança em nível escolar estará em constante desenvolvimento, se o professor desenvolver atividades que potencializam a capacidade de compreensão através da música, pois segundo Vygotsky, “o bom aprendizado é somente aquele que se adianta ao desenvolvimento”. Sendo a música, uma ferramenta valiosa para dar continuidade ao processo de desenvolvimento e formação do aluno.

A música também é uma linguagem e o educador pode interagir com a criança por meio desta linguagem, buscando o universo desta criança em relação à música, como sua tradição e seus ritmos preferidos, pois o conhecimento do mundo se dá por diversos canais, porém, o da música é o único que não tem outra atividade que a substitui.

Nesse processo de inserção da música na educação, é importante que o professor tenha a sensibilidade para lidar com os diversos gêneros musicais, não gerando preconceito, pois cada criança terá suas preferências musicais influenciadas às vezes pelo ambiente em que vive. Então, a música não se limita apenas em ouvir e cantar, podendo ser uma alinhada do professor em suas práticas pedagógicas, e é papel do professor utilizar dos meios para atingir os fins, que é uma educação de qualidade contra o preconceito, e alienação, mas tornando um ser criativo e crítico.

Considerações Finais

A música, por seu aspecto lúdico, é um instrumento inovador para ser usado no processo educacional, e possibilita diversos meios favoráveis para uma educação de qualidade propiciadora do aprendizado. Contribui de forma significativa e positiva para a formulação do conceito, e na formação de caráter do sujeito.

A inserção da música pode ser feita nas diferentes disciplinas escolares e nas diferentes séries, desde a Educação Infantil favorecendo a construção de uma prática inovadora, porém, não pretendo defender que a educação se restrinja à utilização da música, mas mostrar que é possível aliar a música na formação de nossos discentes.

A música aumenta a capacidade da criança no aprendizado de matemática, leitura, escrita e na formulação do conceito. A música e a matemática estão interligadas, pois desde a Grécia antiga, essa disciplina tinha uma relação importante nos experimentos de Pitágoras.

Pitágoras, com seu instrumento monocórdio, averiguava, calculava e comparava as vibrações sonoras.

É importante que nós, educadores, venhamos a construir nossas propostas pedagógicas pensando nas necessidades dos alunos, e despertemos seu interesse para a aprendizagem, procurando meios que contribuem para que o aprendizado seja significativo, contribuindo para a formação de um indivíduo pensante e atuante na sociedade.

Referências Bibliográficas:

- ARIÉS, Philippe: **História Social da Criança e da Família**, Tradução: Dora Flaksman Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.
- BASTIAN, Hans Günther, **Música na escola: a contribuição do ensino de música no aprendizado e no convívio social da criança**. São Paulo: Paulinas, 2009.
- BRASIL, LDB. Lei 9394/96. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**.
- BRASIL, Secretaria da Educação Fundamental. **“Referenciais Curriculares para a Educação Infantil”**: Artes Brasília MEC/SEF, 1998.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **“Parâmetros Curriculares Nacionais”**: introdução/ MEC/SEF, 1997.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **“Parâmetros Curriculares Nacionais”**: artes/ MEC/SEF, 1997.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Revista Brasileira de Educação. 2002.
- FONTANA, Roseli. **Psicologia e Trabalho Pedagógico**. São Paulo: Atual, 1997. Fonte: Site Educacional Online disponível em: <http://www.educacional.com.br/entrevistas/entrevista0035.asp> Acesso em 22/04/2012
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 18. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- FREIRE, Madalena. **Educador educa a dor**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- LOURO, Viviane dos Santos. **Educação musical e deficiência: propostas pedagógicas**. São Paulo: Do Ponto, 2006.
- FONTEERRADA, M. T. O. **De tramas e fios: um ensaio sobre música e educação**. São Paulo: UNESP; Rio de Janeiro: Funarte, 2005.
- RANGEL, Anna Maria P. **Construtivismo: Apontando Falsas Verdades**. Porto Alegre: Mediação, 2002.
- WALLON, H. **A evolução psicológica da criança**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- WEIGEL, A. M. G. **Brincando de música**. Porto Alegre: Kuarup, 1988.
- G1- PORTAL DE NOTÍCIAS, **Ouvir música causa liberação de dopamina**. São Paulo 10/01/2011. Disponível em <<http://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2011/01/ouvir-musica-causa-liberacao-de-dopamina-diz-pesquisa.html>>. Acessado em 5 /07/12 as 18:45 horas

ⁱ Trabalho de Conclusão de Curso realizado em 2012, como pré-requisito para a Conclusão do Curso de Pedagogia.